

UNILEÃO  
CENTRO UNIVERSITÁRIO DOUTOR LEÃO SAMPAIO  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

ANTONIA DANIELI DE SOUSA COSTA

**TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA E AS RELAÇÕES SOCIAIS NO  
AMBIENTE ESCOLAR**

JUAZEIRO DO NORTE - CE  
2023

ANTONIA DANIELI DE SOUSA COSTA

**TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA E AS RELAÇÕES SOCIAIS NO  
AMBIENTE ESCOLAR**

Trabalho de Conclusão de Curso –  
Artigo Científico, apresentado à Coordenação  
do Curso de Graduação em Psicologia do  
Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, em  
cumprimento às exigências para a obtenção do  
grau de Bacharel em Psicologia.

**Orientador:** Profa. Me. Indira Feitosa  
Siebra de Holanda/ Unileão

JUAZEIRO DO NORTE - CE  
2023

ANTONIA DANIELI DE SOUSA COSTA

**TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA E AS RELAÇÕES SOCIAIS NO  
AMBIENTE ESCOLAR**

Este exemplar corresponde à redação final aprovada do Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado à Coordenação do Curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, em cumprimento às exigências para a obtenção do grau de Bacharel em Psicologia.

Data da Apresentação: 27/06/2023

**BANCA EXAMINADORA**

Orientador: Profa. Me. Indira Feitosa Siebra de Holanda/Unileão

Membro: Profa. Esp. Nadyelle Diniz Gino/Unileão

Membro: Esp. Cicera Jaqueline Sobreira Andriola

JUAZEIRO DO NORTE - CE  
2023

## TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA E AS RELAÇÕES SOCIAIS NO AMBIENTE ESCOLAR

Antonia Danieli de Sousa Costa<sup>1</sup>

Índira Feitosa Siebra de Holanda<sup>2</sup>

### RESUMO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é caracterizado por diferenças no desenvolvimento humano, especialmente nas habilidades sociais. O autismo afeta o neurodesenvolvimento, causando dificuldades na linguagem e interação social. No contexto escolar, crianças autistas podem enfrentar desafios devido à intensa interação e preferência por rotinas monótonas. O papel do psicólogo é fundamental para promover a inclusão da criança autista na escola. O estudo se caracteriza enquanto um estudo qualitativo, que usou a pesquisa bibliográfica para fundamentá-lo, onde se utilizou ainda artigos publicados nos últimos 10 anos e os descritores: TEA, desenvolvimento social e psicologia escolar. Logo, se observou partir das discussões que, crianças com TEA enfrentam dificuldades na comunicação e interação social. No entanto, um diagnóstico precoce e tratamento adequado podem levar a melhorias significativas no desenvolvimento. A família e os educadores desempenham um papel fundamental na inclusão escolar da criança com TEA. Os profissionais de psicologia oferecem suporte para o desenvolvimento social da criança e facilitam sua inclusão na escola.

**Palavras-chave:** Transtorno do Espectro Autista. Relações sociais. Escola. Psicologia.

### ABSTRACT

Autism Spectrum Disorder (ASD) is characterized by differences in human development, particularly in social skills. Autism affects neurodevelopment, leading to difficulties in language and social interaction. In the school context, autistic children may face challenges due to intense social interactions and a preference for monotonous routines. The role of psychologists is crucial in promoting the inclusion of autistic children in schools. This study is a qualitative research that utilized bibliographic research, including articles published within the last 10 years, focusing on ASD, social development, and school psychology. The discussions revealed that children with ASD face difficulties in communication and social interaction. However, early diagnosis and appropriate treatment can lead to significant improvements in development. Families and educators play a fundamental role in the school inclusion of children with ASD. Psychology professionals provide support for the social development of children and facilitate their inclusion in school.

**Keywords:** Autism Spectrum Disorder, social relationships, school, psychology.

---

<sup>1</sup> Discente do curso de psicologia da UNILEÃO. Email: danieliscosta.psi@gmail.com

<sup>2</sup> Docente do curso de psicologia da UNILEÃO. Email: indira@leaosampaio.edu.br

## 1 INTRODUÇÃO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA), é comumente conhecido por apresentar traços discrepantes no desenvolvimento humano logo nos primeiros anos da infância, especialmente, no âmbito das relações sociais. O autismo, é um transtorno que compromete prejuízos no campo do neurodesenvolvimento, atingindo principalmente a linguagem, a interação social e dentre outros. No entanto, à medida que se identifica os sintomas de forma precoce e inicia o tratamento, se pode ter uma evolução significativa no quadro clínico (SANCHES; TAVEIRA, 2020).

No que tange a realidade escolar, a criança autista pode encontrar dificuldades no contexto, tendo em vista, que a escola é um local onde ocorre a maior interação entres as crianças, representando também um ambiente não monótono, o que para uma criança com autismo pode ser aversivo, pois esse transtorno possui como preferência rotinas monótonas. Dentre isso, cabe ressaltar a importância do papel do psicólogo mediante intervenções necessárias para a inserção da criança autista no âmbito escolar.

Ao que concerne à pergunta de partida da pesquisa: qual a importância da atuação do psicólogo a respeito da inserção da criança autista nas relações sociais dentro do contexto escolar? A priori, a justificativa da pesquisa busca contemplar três extensões (1) acadêmico; (2) social e (3) profissional. Nesse sentido, no que se refere ao campo acadêmico e social se compreende que a produção desse trabalho visa auxiliar nos estudos bibliográficos, contribuindo para o entendimento e o trabalho nas produções teóricas e práticas a respeito das especificidades no qual a temática do Transtorno do Espectro Autista aborda. No aspecto profissional, a realização desse estudo proporcionará conhecimento em relação ao tema que irá auxiliar o trabalho profissional. Tendo em vista, que o interesse da pesquisadora em escrever sobre autismo adveio a partir de motivações pessoais, através de vivências no seu trajeto enquanto estudante e futura profissional em Psicologia.

Nesta perspectiva, o presente artigo tem como objetivo geral entender o desenvolvimento das relações sociais de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) no ambiente escolar, ressaltando o papel do profissional de Psicologia. E como objetivos específicos: contextualizar historicamente sobre o conceito do Transtorno do Espectro Autista; explicar a respeito do desenvolvimento social da criança com TEA e explicitar o papel do psicólogo com crianças autistas no contexto escolar.

## **2 METODOLOGIA**

O referido artigo se descreve enquanto uma pesquisa do tipo qualitativa, de origem básica, em que foi utilizado como forma de obter dados a pesquisa bibliográfica. Conforme Marconi e Lakatos (2010), o aspecto qualitativo é uma pesquisa que se dispõe de análise e interpretação das citações de forma mais prepotente, de maneira que possibilite elucidar as mais diversas formas do comportamento humano.

Tal pesquisa visa fazer análises detalhadas ao que diz respeito a investigações, posicionamentos e inclinações do comportamento. Sendo assim, fica compreendido que a pesquisa qualitativa se direciona a um viés pautado nos sentidos e também nos processos.

No que se refere a pesquisa bibliográfica, esta é um processo que é desenvolvido por meio de etapas. O primeiro momento logo após decidir o tema foi fazer um levantamento de materiais bibliográficos que tenha relação com a temática, dando foco nos títulos e resumos. Para o levantamento das literaturas, foram usados os descritores: TEA, desenvolvimento social e psicologia escolar.

Ademais, tendo em vista os critérios de inclusão podemos mencionar: bibliografias como livros, artigos, revistas, que sejam atualizados por meio de recorte temporal de pelo menos 10 anos até o ano atual e também aos materiais que sejam desenvolvidos somente na língua portuguesa, e presentes nas plataformas Periódicos Eletrônicos de Psicologia (PEPSIC), Scientific Electronic Library Online (SCIELO), Biblioteca Virtual em Saúde – Psicologia (BVSPSI), Periódicos e Repositórios.

Nessa perspectiva, cabe os critérios de exclusão: pesquisas científicas que não estejam desenvolvidas integralmente nas bases de dados mencionadas nos critérios de inclusão e também trabalhos que não sejam relevantes e que não contribui ao que é proposto no projeto de pesquisa.

## **3 AUTISMO E RELAÇÕES SOCIAIS NO AMBIENTE ESCOLAR**

O conceito de autismo foi descrito pela primeira vez pelo psiquiatra Leo Kanner, em que o mesmo observou em seu estudo realizado com crianças, nas quais a maioria era meninos, as crianças tinham entre 2 a 4 anos de idade, elas apresentavam peculiaridades distintas das demais crianças da mesma faixa etária, como uma ausência na linguagem e, conseqüentemente, na interação social, entre outros. Kanner a princípio, descreveu o autismo como um distúrbio referente ao afeto e ao contato e relacionou tal comportamento a esquizofrenia, segundo o

mesmo se trataria de uma esquizofrenia precoce devido, observar que logo no início da vida de uma criança acontece uma ruptura com a realidade (BIALER; VOLTOLINI, 2022).

À vista disso, Kanner identificou outra característica no campo da linguagem, em que a criança com autismo não consegue utilizar a linguagem para se comunicar socialmente com as demais, por motivo de estar diante de um distúrbio no seu desenvolvimento, na sua pesquisa a maioria das crianças não falavam e as que conseguiam falar foi pontuado um prejuízo significativo na tentativa de se comunicar. Outro aspecto relevante é que os autistas se sentem confortáveis com a rotina, podendo sentir prazer na monotonia e quando são incomodados é notório o sentimento de aversão a essa interrupção (LOPES, 2017).

Conforme os estudos acerca do autismo foram avançando, o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais – DSM-IV (APA, 2002), o autismo estava classificado enquanto um dos transtornos globais do desenvolvimento, em que os critérios de possíveis diagnósticos eram embasados no prejuízo descritos qualitativamente no âmbito das interações sociais, bem como, comprometimento de diversas formas nos comportamentos não verbais, isto é, aspectos visuais, faciais, interação social, postura corporal, gestos, dentre outros, o sujeito também pode apresentar uma falha considerável em desenvolver relacionamentos com as pessoas. Levando em consideração os aspectos referentes a comunicação, o sujeito pode apresentar atraso ou ausência da linguagem no ato de ser falada, e não há nenhum interesse em desenvolver uma fala através de mímica ou gestos, não demonstra também interesse em iniciar ou manter uma conversa, apresenta um comportamento estereotipado e com movimentos repetitivos.

Em consonância as características referidas pelo Kanner e o DSM-IV, o DSM-V (APA, 2014), altera a terminologia do autismo para o Transtorno do Espectro Autista (TEA), a respeito de alguns critérios diagnósticos: déficits na comunicação e interação social; socioemocional, podendo ter dificuldade em manter uma conversa ou compartilhar e até mesmo ter interesse em emoções ou afetos; dificuldades também na comunicação não verbal, na linguagem corporal, nos gestos, no contato visual e um grave prejuízo nas expressões faciais; nos relacionamentos, tende a não conseguir fazer amigos ou relações amorosas; apresenta comportamentos estereotipados, bem como comportamentos repetitivos, como movimentos motores e dentre outros.

O Transtorno do Espectro Autista é considerado um transtorno a nível neurológico que possui seu surgimento desde os primeiros anos de vida, o que compreendemos ser um transtorno que acomete os sujeitos precocemente. Segundo Martins e Pereira (2021), o TEA pode se desenvolver de formas distintas em cada sujeito, podendo incluir desde problemas

intelectuais de forma grave, pouca habilidade comportamental que necessite se moldar, até mesmo sujeitos com nível de inteligência considerada normal, de modo que consiga ter uma vida de maneira independente. Estudos apontam ainda que a prevalência do Transtorno do Espectro Autista, teve um aumento em torno de vinte a trinta vezes, desde a sua descoberta, sendo assim, quando se tem uma marca aproximada a 160 crianças, uma dentre essa quantidade é acometida pelo transtorno.

Compreendendo que os sintomas no autismo se apresentam desde de muito cedo, antes da criança entrar na escola, e que tais sintomas podem desencadear comprometimentos em diversos âmbitos do sujeito, tal como, pessoal, físico, social e até mesmo profissional. Ademais, sabendo que cada sujeito pode vim desenvolver o autismo de uma forma, algumas comorbidades podem também acompanhar um diagnóstico de TEA, como, por exemplo, as deficiências intelectuais e até mesmo Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), sendo assim, um diagnóstico de autismo vem acompanhado também de comportamentos do nível de comunicação e excessos de repetições, desejos ou interesses bem restritos e persistências nas mesmas coisas, como fora mencionado sobre o interesse em gostar de monotonia ou rotinas (MAS, 2018).

Consoante Sanches e Taveira (2020), menciona que a criança autista em distinção de outras crianças, estabelece um certo contato singular consigo mesmo e com o mundo externo de maneira peculiar. Considerando que os sintomas se apresentam mediante o seu grau e também é válido ressaltar que os sintomas podem persistir até o fim da vida. Apesar disso, a família tem um papel importante para a descoberta do diagnóstico, pois sendo ele de forma precoce, nos primeiros anos de vida, é provável que a evolução dos sintomas não aconteça, amenizando assim o quadro clínico.

No tocante a subjetividade, partindo da ideia do que já fora explanado sobre autismo, cada sujeito que possui tal diagnóstico, mesmo diante dos sintomas, ainda assim terá a sua subjetividade e a forma como sentirá no processo dos sintomas. O conceito de subjetividade é percebido segundo a forma que o sujeito vivência e ver o mundo, é notório, logo nos primeiros anos de vida de uma criança com o transtorno, uma certa diferenciação de outras crianças, devido ser observado geralmente uma falta de interesse sobre o mundo externo, assim como a linguagem, interação social ser bastante restrita e até mesmo desinteresse nas outras pessoas, logo, o seu interesse se demonstra direcionado para objetos. À vista disso, ao longo em que a criança vai se desenvolvendo, os sintomas iniciais vão surgindo e podendo avançar de maneira intensidade que acaba comprometendo nos demais campo da vida do sujeito, principalmente no âmbito escolar e social como um todo, sendo assim, além de prejudicar no convívio com



outras crianças, a dificuldade é ainda maior no desenvolvimento da aprendizagem (GONÇALVES et al., 2017).

Ademais, outros sintomas também vão emergindo, tais sintomas são conhecidos de forma mais estereotipada no meio social, geralmente um sujeito acometido pelo transtorno do espectro autista, pode apresentar um comportamento que se manifesta de maneira padronizada, isto é, com comportamentos repetitivos desde em palavras ou fases, como também motores, devido a criança fazer movimentos com o seu corpo girando, como os braços, pernas, igualmente correndo, pulando e dentre outros, esses comportamentos podem se repetir diversas vezes ao longo do dia. Podemos mencionar um outro aspecto também comum no Transtorno do Espectro Autista, é que como eles possuem um apreço por fazer as mesmas coisas todos os dias, quando se é interrompido ou retirado dessa realidade, o sujeito poder manifestar sentimento de aversão, podendo causar até agressividade em alguns casos no qual ele sinta que esteja sendo muito invasivo ou que ameace a sua zona de conforto (GONÇALVES et al., 2017).

#### **4 DESENVOLVIMENTO SOCIAL DA CRIANÇA COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA**

Ressaltando o desenvolvimento social da criança com TEA, de acordo com Gomes e Nunes (2014), é importante que se possa ter um olhar sobre o sujeito autista e esse conhecimento não deve ser ignorado no contexto escolar. À vista disso, as peculiaridades que pode ser apresentada a rigor do distúrbio, é capaz de causar danos no processo de aprendizagem e também na interação social. Contudo, uma das maiores dificuldades observadas em crianças com autismo na escola, é a proximidade entre os colegas, bem como, não conseguir aprender regras de cunho social, de compreender discernimentos verbais e até mesmo de não conseguir se comunicar através da palavra que é falada cotidianamente dentro de uma sociedade, nesse caso, a escola.

O autismo pode ser um dos maiores influenciadores do isolamento da criança e da família na sociedade, devido a presença do desenvolvimento considerado atípico do sujeito com o distúrbio na interação social e na linguagem, bem como pela ausência de interesse em objetos ou relações e restrição de atividades. Conquanto, segundo Pimentel (2013), menciona sobre a relevância da inserção social e que isso pode influenciar na interação e vivência com outras crianças da mesma idade, favorecendo no crescimento pessoal e social do sujeito com autismo.

No tocante a educação, a autora ainda comenta que a criança com TEA, de modo geral, pode frequentar as escolas de ensino regular, preferencialmente. Todavia, não são todas as

crianças autistas que tem o privilégio de estudar em salas comuns, alguns casos mais críticos necessitam de um ensino especial, que seja especializado em crianças com esses transtornos referidos, uma vez que algumas, além de se enquadrarem no TEA também pode apresentar outras comorbidades e que infelizmente uma sala comum não seria um ambiente adequado para o mesmo. É importante compreender que cada caso requer um olhar particular dos responsáveis da educação, para que não aconteça negligência na aprendizagem, os colocando em locais que possam dar o suporte necessário a essa criança (PIMENTEL, 2013).

Nesse cenário, para assegurar não apenas a aprendizagem, mas o o desenvolvimento social, foram regulamentadas as diretrizes do Ministério da Educação e da Secretaria de Educação Especial (BRASIL, 2008), o Atendimento Educacional Especializado (AEE), por via do Decreto nº 6.571, de 18 de setembro de 2008, onde se propõe a proporcionar a administração tanto dos recursos pedagógicos como referente a acessibilidade cujo público-alvo são os discentes com deficiências, transtornos globais no que tange o desenvolvimento e superdotação. Nisto, o intento fundamental do AEE consiste na erradicação das inúmeras barreiras físicas e/ou simbólicas que possam atrasar ou dificultar o desenvolvimento biopsicossocial, além potencializar o processo de ensino-aprendizagem e aprimoramento das aptidões dos mesmos, contemplando a participação ativa do aluno e levando em consideração suas demandas subjetivas.

Conforme aponta Pagliarini (2021, p. 29-30), na escola

[...] o corpo docente de uma instituição de ensino é responsável pelos educandos inclusos e deve trabalhar em conjunto para que haja a melhor evolução no processo de desenvolvimento da criança, para que conquiste sua autonomia, considerando que cada indivíduo possui um processo individualizado de aprendizagem. E, dentro de uma sala de aula, são encontradas diferentes formas de aquisição de conhecimento seja pelos alunos ditos normais ou inclusos. Para tanto, a formação exigida em Curso de Deficiência Intelectual e Múltipla para a atuação no Atendimento Educacional Especializado, de acordo com o estabelecido pela legislação, contribui para que os alunos inclusos sejam atendidos a partir de suas necessidades e potencialidades com vista ao seu desenvolvimento social e aprendizagem

O processo do desenvolvimento social da criança no contexto escolar, assim como, a sua inclusão no mesmo ainda se configura enquanto um desafio, tendo em vista, os obstáculos existentes referente ao desenvolvimento da comunicação, as dificuldades dos educadores em identificar as características da criança com o TEA, além disso outra dificuldade encontrada diz respeito a ausência de estratégias de cunho pedagógico que influenciam no desenvolvimento de aprendizagem das crianças com esse transtorno. Este último pode se apresentar como um diferencial para o processo de aprendizagem e também inclusão da criança no âmbito educacional, visto que ações pedagógicas para com o TEA visam colaborar na construção de

instruções diferenciais e especializadas que buscam promover um melhor trabalho de inserção, visando o desenvolvimento biopsicossocial (CABRAL; MARIN, 2017).

É digno de nota que, como já mencionado anteriormente, é importante que o diagnóstico do TEA aconteça da forma mais precoce possível, a fim de iniciar o tratamento e ter uma evolução do quadro de maneira mais rápida e precisa, no entanto, cabe salientar, principalmente em relação ao desenvolvimento social da criança não interessante que se prendam ao diagnóstico, resumindo o sujeito a isso, especialmente em casos de crianças que ainda estão em processo de maturação biopsicossocial, sendo assim, é importante que se tenham um olhar acima de tudo, para a subjetividade desse sujeito, que pode está compreendido no seu modo de agir, de sentir, de pensar, de como interagem com outras pessoas (RIBEIRO, 2020).

O TEA não se apresenta como um desafio apenas para o contexto educacional, mas também para a família, especialmente, em relação aos cuidados e as necessidades de organização e dedicação diante de uma criança com autismo. Cabe mencionar que o contexto familiar é também uma ferramenta fundamental para o processo de desenvolvimento social, sobretudo, no âmbito escolar, adjunto aos profissionais da educação e também aos profissionais especializados na área. No entanto, a demora no diagnóstico, e que às vezes é decorrente devido a falta de consenso entre os profissionais, pode assinalar uma situação de fragilidade para os profissionais envolvidos, a família e a criança, pois quanto antes conseguir o diagnóstico diferencial, mais cedo o tratamento, as estratégias no contexto escolar e o cuidado da família pode iniciar e, assim, trabalhar melhor o processo de desenvolvimento social dessas crianças numa perspectiva integral (CABRAL; FALCKE; MARIN, 2021).

Um outro recurso que é pertinente ao processo de desenvolvimento social de uma criança com TEA, é tentar fortalecer os aspectos interpessoais, bem como, a afetividade, pois trabalhando com base nisso, além das diversas questões que merecem também destaque, estimulando e potencializando a afetividade, estamos também levando em consideração o estabelecimento dos sentimentos em especial os positivos, com o intuito de contribuir no processo de tratamento do sujeito com TEA, tendo em vista, que os aspectos interpessoais é uma das habilidades afetadas pelo transtorno. Além disso, o campo educacional como os gestores, professores são também uma ferramenta essencial para o desenvolvimento social e de aprendizagem do aluno com transtorno, podendo elaborar atividades estratégicas com um cunho pedagógico adjunto ao trabalho de evolução das habilidades sociais de um sujeito com TEA (SILVA, 2018).

Dessa forma, uma intervenção que pode se aplicar a uma criança que está em desenvolvimento social e que também possui TEA e, conseqüentemente, a sua aplicação se

caracteriza fundamental para o tratamento se utilizando das habilidades da psicoeducação, essa habilidade tem em vista desenvolver competências através de estratégias de ensino-aprendizagem e para que essa forma de intervenção possa ser eficaz, é interessante também o auxílio e acolhendo das demais pessoas que estão em volta da criança com o transtorno, como a família e familiares, os mesmos sendo aconselhados com a melhor maneira de interagir e observar o sujeito (MOTA; VIEIRA; NUERNBERG, 2020).

## **5 O PAPEL DO PSICÓLOGO COM CRIANÇAS AUTISTAS NO CONTEXTO ESCOLAR**

No tocante ao trabalho do psicólogo escolar, visa oferecer um serviço terapêutico e preventivo e ter um cuidado ainda maior quando se trata de crianças com TEA, pois a inclusão no ambiente escolar de pessoas com deficiência necessita que o psicólogo possa dar um suporte e orientação a todos aqueles envolvidos com a criança, nesse caso, a família e aos educadores. Com isso, o profissional apresentará um trabalho pautado em facilitar de maneira mais ampla informações compreensíveis a respeito do transtorno e as suas formas de manifestações para além de uma compreensão informativa, é importante para que os envolvidos possam ter mais facilidade ao lidar também com o processo de inclusão escolar e social dessas crianças com Transtorno do Espectro Autista (ALMEIDA, 2022).

O psicólogo deve fornecer um ambiente confortável para fazer a escuta dos sujeitos de maneira especializada, possuindo em sua atuação um olhar atento, analítico e preventivo, através de uma escuta ativa, tendo em vista elaborar métodos e mecanismos de intervenções, assim como acolher as angústias dos alunos e também dos familiares. É essencial que o profissional de psicologia procure formas de abrandar as dificuldades cotidianas dos autistas, bem como as suas limitações, com o intuito de estimular o ensino inclusivo, instruindo e informando sobre as incertezas e inseguranças que possam apresentar sobre o TEA (ALMEIDA, 2022).

Quanto ao papel do psicólogo com crianças autistas no contexto escolar, conforme Benitez e Domeniconi (2018), após os resultados de sua pesquisa de campo, que tem como a atuação do psicólogo na inclusão escolar de discente com autismo e deficiência no campo intelectual, foi possível compreender que o psicólogo trabalha de forma multidisciplinar, o que se torna importante no ambiente em questão, onde este visa trabalhar no processo de inclusão dessas crianças, adjunto dos demais profissionais da educação. O psicólogo, por sua vez, possui como competência dar suporte mediante as aplicações de intervenções juntamente com os

professores da educação especial e também aos pais, tal apoio deve ser proporcionado além disso no processo de aprendizagem da criança (ALMEIDA, 2022).

Trabalhar a Psicologia Escolar em prol da inclusão em crianças com autismo através de atendimento educacional especializado tem como função identificar, elaborar e organizar recursos pedagógicos e de acessibilidade que eliminem as barreiras para a plena participação dos alunos, considerando suas necessidades específicas. As atividades desenvolvidas no atendimento educacional especializado diferenciam-se daquelas realizadas na sala de aula comum, não sendo substitutivas à escolarização. Esse atendimento complementa e/ou suplementa a formação dos alunos com vistas à autonomia e independência na escola e fora dela. Devido ao fato de as políticas de inclusão educacional garantirem, democraticamente, o acesso de alunos (autistas) com diferentes características e demandas educacionais aos espaços e conteúdos escolares ditos comuns a questão dos ajustes curriculares, torna-se elemento crucial para o aluno, independentemente de suas características ter apoio nas atividades em classe. Nessa condição, a apropriação dos conhecimentos científicos pode ocorrer por meio de ajustes de acesso ao currículo (no qual são providos/modificados recursos espaciais, materiais, pessoais ou de comunicação, para que o aluno entre em contato com o currículo formal), ou de adaptações individualizadas de currículo (OLIVEIRA, 2020, p. 27).

Nesta perspectiva, e considerando a Lei Federal nº 13.146, promulgada em julho de 2015, estabelece a obrigatoriedade no que diz respeito a inclusão dos sujeitos com deficiência no âmbito da educação, abrangendo todos os níveis de aprendizado no decurso da vida do sujeito. A finalidade desta Lei subjacente é proporcionar a oportunidade de desenvolvimento máximo do indivíduo, englobando suas aptidões e habilidades físicas, sociais, intelectuais, dentre outros (BRASIL, 2015).

A inclusão escolar almeja acolher plenamente os estudantes dentro do contexto escolar, respeitando as diferenças e atendendo às múltiplas necessidades apresentadas pelos mesmos. No tocante a discentes com deficiência, a exemplo daqueles com TEA, é imperativo assegurar uma educação de qualidade que englobe tanto o processo de ensino-aprendizagem quanto a interação social, tanto com os colegas quanto com o ambiente escolar em si (DIAS, 2017). A presença do profissional de psicologia no contexto escolar desempenha uma função primordial ao acompanhar e oferecer suporte aos estudantes que apresentam demandas de caráter específico, embasando-se em perspectivas teórico-metodológicas adequadas, visando o seu processo de inclusão no ambiente escolar regular (ALMEIDA, 2022).

Uma abordagem que pode ser trabalhada pelos psicólogos é a Análise do Comportamento Aplicada (ABA), no qual pode ser uma importante ferramenta usada no tratamento de crianças com autismo. A análise do comportamento é tida como uma abordagem compreendida no estudo do comportamento humano, se utiliza como característica, por assim dizer, o interacional, em que tem relação diretamente com os fatores do ambiente e o comportamento, é de cunho analítico uma vez que visa identificar os relacionamentos de

maneira funcional entre as situações que envolve o ambiente e os comportamentos, é também experimental em que busca demonstrar que as situações ou eventos tem responsabilidade nas incidências ou não do comportamento e, por fim o pragmático que propõe a pesquisa de modo básico e aplicado, ressaltando a compreensão dos controles dos eventos ou a previsão dos mesmos (MEDEIROS, 2021).

A autora acima enfatiza ainda, possíveis fatores que podem ser trabalhados com a criança com o intuito de elaborar melhor os comportamentos inapropriados, dentre isso, é importante considerar alguns pontos: é necessário observar o que pode ser considerado enquanto uma recompensa para o autista, tendo em vista que, oferecer recompensas pelo comportamento será bem mais provável que aconteça uma evolução no quadro quando não se reforça o comportamento; no momento em que se é aplicado a recompensa é fundamental que a criança consiga vincular a recompensa ao comportamento para que assim, ela compreenda qual o comportamento ela pode conseguir esse resultado; na medida em que for passando as etapas, novas habilidades serão adquiridas; sabendo que não é necessário ser recompensado por um comportamento inadequado que não pôde ser ignorado, assim é interessante que possa administrar uma atividade que seja construtiva e recompensada na tentativa de conseguir substituir pelo comportamento inconveniente (MEDEIROS, 2021).

Por conseguinte, outra perspectiva de abordar a criança com TEA seria a técnica da Comunicação Alternativa Aplicada (CAA), que se define enquanto uma área de pesquisa que engloba diversos saberes, tendo como foco do seu trabalho as interações sociais de pessoas que apresentam perplexa dificuldade em se comunicar. A Comunicação Alternativa Aplicada tem como objetivo a utilização de instrumentos que auxiliam nessa técnica, bem como: um método assistido de voz; gesticulações; sinais gráficos e assim por diante. Essa lista é relevante para desenvolver as funções da fala de forma temporária ou até mesmo permanente, podendo ser aplicada para casos de ausência ou não desenvolvimento da fala (NUNES; BARBOSA; NUNES, 2021).

Além disso, um outro recurso terapêutico que pode auxiliar no trabalho do psicólogo com crianças com TEA, é a intervenção com o lúdico. Deste modo, o lúdico é uma ferramenta fundamental para o processo de desenvolvimento de todo sujeito, é por meio dessa ferramenta que a criança irá se utilizar da criatividade e imaginação relacionadas com base no prazer que não tem a obrigatoriedade o uso de regras coercivas. Essa intervenção também está associada com as formas em que o sujeito pode explorar o espaço e o corpo, criar alternativas para o desenvolvimento do carácter e personalidade e isso acontece mediante o amadurecimento cognitivo ao passo do lúdico no seu dia a dia (COSTA, 2017).

Diante disso, a intervenção do psicólogo com o lúdico é uma importante ferramenta para o processo de desenvolvimento da criança com o Transtorno do Espectro Autista, podendo auxiliar na interação entre o ensino, a aprendizagem e brincadeiras. Nesse caso, uma criança quando está em processo de desenvolvimento biopsicossocial, esta necessita aprender, conhecer e ultrapassar limites, associados também ao socializar e interagir, o que quando se trata de um sujeito com TEA, pode apresentar essas características com dificuldades ou até mesmo com ausência nisso, pois é a partir do lúdico, do brincar que o ser humano começa a trabalhar e se estimular as vivências, bem como, descobrir, aprender e criar. Como se sabe, a ludicidade é uma forma de potencializar a aprendizagem, o ensino, além de auxiliar na construção da autoexpressão, do senso, autoconfiança, autoestima e, principalmente, a autonomia (COSTA, 2017).

## **6 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Durante o percurso desse trabalho, concluiu-se que crianças com o Transtorno do Espectro Autista apresenta dificuldades e limitações pertinentes a comunicação, interação social, relação interpessoal, dentre outros. No entanto, esse transtorno apesar de ser um desafio, pode apresentar evoluções significativas no quadro clínico, quando a criança é diagnosticada de forma precoce, quanto mais cedo iniciar o tratamento e acompanhamento da mesma, melhores será o desempenho no processo de desenvolvimento.

Diante da ausência de comunicação e interação social, o sujeito com TEA pode regredir no processo de desenvolvimento social e, conseqüentemente, não ter um rendimento no ambiente escolar, tendo em vista que a família e os educadores se apresentam enquanto aliados para o processo de inclusão escolar da mesma.

Além disso, o profissional de psicologia no ambiente escolar tender a ser um suporte para o desenvolvimento social da criança com TEA, como também para o processo de inclusão da mesma. Uma abordagem que pode se utilizada pelo os psicólogo é a Análise do Comportamento Aplicada (ABA), no qual é uma excelente ferramenta para o trabalho com crianças autistas, como também o trabalho com o lúdico, em que se tem como finalidade garantir o acolhimento, a escuta e principalmente promover um melhor desenvolvimento social do sujeito com o transtorno no contexto escolar.

Dessa forma, o presente trabalho foi elaborado com o objetivo de que os leitores possam ter uma compreensão mais precisa a respeito do Transtorno do Espectro Autista no ambiente escolar e também o trabalho do psicólogo frente a esse transtorno. Essa pesquisa é relevante

para que se possa ampliar os conhecimentos a respeito da temática. Entretanto, é compreensível que somente nesse trabalho não foi possível desenvolver de maneira mais profunda os desafios em relação a esse objeto de estudo, podendo este ser uma abertura para produções futuras e mais extensas, assim como em uma pós graduação ou mestrado.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, D. C. A importância do psicólogo na inclusão escolar do autista. **Revista Eletrônica Acervo Saúde.**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 4, p. 1-7, 2022. Disponível em: <<https://doi.org/10.25248/REAS.e10180.2022>>. Acesso em: 05/06/2023.
- ASSOCIAÇÃO AMERICANA DE PSIQUIATRIA – APA. DSM-IV. **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais.** 4. ed. Porto Alegre: ARTMED, 2002.
- ASSOCIAÇÃO AMERICANA DE PSIQUIATRIA – APA. DSM-V. **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtorno Mentais.** 5ª. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.
- BENITEZ, P.; DOMENICONI, C. Atuação do psicólogo na inclusão escolar de estudantes com autismo e deficiência intelectual. **Psicologia Escolar e Educacional**, São Paulo. v. 22, n. 1, pg. 163-172, janeiro a abril, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2175-35392018013926>. Acesso em: 20/07/2022.
- BIALER, M.; VOLTOLINI, R. Autismo: história de um quadro e o quadro de uma história. **Psicol. Estud**, São Paulo, v. 27, p.1-13, 2022. Disponível em: <<https://doi.org/10.4025/psicoestud.v27i0.45865>>. Acesso em: 15/11/2022.
- BRASIL. **Lei 13.146 de 6 de julho de 2015.** Institui a Lei Brasileira de inclusão da pessoa com deficiência. Brasília, 2015. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato20152018/2015/lei/l13146.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato20152018/2015/lei/l13146.htm)>. Acesso em: 02/06/2023.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Diretrizes Operacionais da Educação Especial para o Atendimento Educacional Especializado na Educação Básica.** Brasil, 2008. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=428-diretrizes-publicacao&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=428-diretrizes-publicacao&Itemid=30192). Acesso em: 01/06/2023.
- CABRAL, C. S.; FALCKE, D.; MARIN, A. H. Relação Família-Escola-Criança com Transtorno do Espectro Autista: Percepção de Pais e Professoras. **Rev. Bras. Ed. Esp.**, Bauru, v.27, e0156, p.493-508, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1980-54702021v27e0156>. Acesso em: 10/05/2023.
- CABRAL, C. S; MARIN, A. H. Inclusão escolar de crianças com transtorno do espectro autista: uma revisão sistemática da literatura. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, n.33, e142079, p. 1-30, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102-4698142079>. Acesso em: 15/05/2023.
- COSTA, A. C. Estimular o lúdico em crianças autistas a partir do auxílio dos games educativos. In: **Anais IV CONEDU...**, 19 de dezembro de 2017. Disponível em: <<http://mail.editorarealize.com.br/artigo/visualizar/36863>>. Acesso em: 29/05/2023.



de Graduação em Pedagogia - Licenciatura da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para a obtenção do Grau de Licenciada, 2020. Disponível em: <<https://app.uff.br/riuff/handle/1/15941>>. Acesso em: 01/06/2023.

DIAS, N. S. Autismo: estratégias de intervenção no desafio da inclusão no âmbito escolar, na perspectiva da análise do comportamento. **Psicologia PT o portal dos psicólogos**, p. 1-19, 2017. Disponível em: < <https://www.psicologia.pt/artigos/textos/TL0423.pdf> >. Acesso em: 01/06/2023.

GOMES, R. C.; NUNES, D. R. P. Interações comunicativas entre uma professora e um aluno com autismo na escola comum: uma proposta de intervenção. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 40, n. 1, p. 143-161, jan/mar, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1517-97022014000100010>. Acesso em: 26/09/2022.

GONÇALVES, A. P. et al. Transtornos do espectro do autismo e psicanálise: revisitando a literatura. **Tempo Psicanalítico**, Rio de Janeiro, v. 49. v.2, p. 152-181, 2017. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-48382017000200008&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-48382017000200008&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 10/11/2022.

LOPES, B. A. Autismo e culpabilização das mães: Uma leitura de Leo Kanner e Bruno Bettelheim. In: Seminário Internacional Fazendo Gênero 11&#amp;#13thWomen's Worlds Congress. **Anais Eletrônicos...** Florianópolis, p. 1-10. 2017. Disponível em: [http://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1503543977\\_ARQUIVO\\_AUTISMO-E-CULPABILIZACAO-DAS-MAES-UMA-LEITURA-DE-LEO-KANNER-E-BRUNO-BETTELHEIM.pdf](http://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1503543977_ARQUIVO_AUTISMO-E-CULPABILIZACAO-DAS-MAES-UMA-LEITURA-DE-LEO-KANNER-E-BRUNO-BETTELHEIM.pdf). Acesso em: 15/11/2022.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 7 ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MARTINS, I. S.; PEREIRA, G. R. O ensino de ciências para crianças com transtorno do espectro autista sob a perspectiva histórico-cultural. **Revista Ciências & Ideias**, v. 12, n.1, p. 19-34, Jan/abr, 2021. Disponível em: 10.22047/2176-1477/2021.v12i1.1301. Acesso em: 01/11/2022.

MAS, N. A. **Transtorno do Espectro Autista- história da construção de um diagnóstico**. 2018. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica, do Instituto de Psicologia da USP. São Paulo, 2018. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/350891229\\_O\\_ENSINO\\_DE\\_CIENCIAS\\_PARA\\_CRIANCAS\\_COM\\_TRANSTORNO\\_DO\\_ESPECTRO\\_AUTISTA\\_SOB\\_A\\_PERSPECTIVA\\_HISTORICO-CULTURAL](https://www.researchgate.net/publication/350891229_O_ENSINO_DE_CIENCIAS_PARA_CRIANCAS_COM_TRANSTORNO_DO_ESPECTRO_AUTISTA_SOB_A_PERSPECTIVA_HISTORICO-CULTURAL). Acesso em: 05/04/2023.

MEDEIROS, D. S. As contribuições da análise do comportamento (aba) para a aprendizagem de pessoas com autismo: uma revisão da literatura. **Estudos IAT**, Salvador, v.6, n.1, p. 63-83, jun., 2021. Disponível em: <http://estudosiat.sec.ba.gov.br/index.php/estudosiat/article/view/268>. Acesso em: 25/07/2022.

MOTA, A. C. W. VIEIRA, M. L. NUERNBERG, A. H. Programas de intervenções comportamentais e de desenvolvimento intensivas precoces para crianças com TEA: uma revisão de literatura. **Revista Educação Especial**, v. 33, p. 1-27, 2020. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.5902/1984686X41167>>. Acesso em: 01/05/2023.

NUNES, D. R. P.; BARBOSA, J. P. S.; NUNES, L. R. P. Comunicação Alternativa para Alunos com Autismo na Escola: uma Revisão da Literatura. **Rev. Bras. Ed. Esp.**, Bauru,

v.27, e 0212, p.655-672, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1980-54702021v27e0212>. Acesso em: 29/04/2023.

OLIVEIRA, G. R. **A Intervenção Com A Criança Autista No Ambiente Escolar**. 2020. 32 f. Monografia do Curso de Psicologia do. Centro Universitário Atenas. Paracatu. 2020.

Disponível em:

[http://www.atenas.edu.br/uniatenas/assets/files/spic/monography/A\\_INTERVENCAO\\_COM\\_A\\_CRIANCA\\_AUTISTA\\_NO\\_AMBIENTE\\_ESCOLAR.pdf](http://www.atenas.edu.br/uniatenas/assets/files/spic/monography/A_INTERVENCAO_COM_A_CRIANCA_AUTISTA_NO_AMBIENTE_ESCOLAR.pdf) . Acesso em: 05/06/2023.

PAGLIARINI, G. B. **O Desenvolvimento Cognitivo E Social Da Criança Com Transtorno Do Espectro Autista No Ambiente Escolar**. 2021. 66 f. Monografia em Licenciatura em

Pedagogia. Campus Universitário da Região dos Vinhedos. Universidade de Caxias do Sul.

Bento Gonçalves – RS. 2021. Disponível em:

<https://repositorio.ucs.br/xmlui/bitstream/handle/11338/9960/TCC%20Gabrieli%20Bock%20Pagliarini.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 06/06/2023.

PIMENTEL, A. G. L. **Autismo e escola: perspectiva de pais e professores**. Dissertação de mestrado. Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. Programa de Ciências de Reabilitação. São Paulo, 2013. Disponível em:

[https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/5/5162/tde-19042013-](https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/5/5162/tde-19042013-121114/publico/AnaGabrielaLopesPimentel.pdf)

[121114/publico/AnaGabrielaLopesPimentel.pdf](https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/5/5162/tde-19042013-121114/publico/AnaGabrielaLopesPimentel.pdf). Acesso em: 25/09/2022.

RIBEIRO, E. N. C. O papel do lúdico no desenvolvimento social de crianças como transtorno do espectro autista numa perspectiva inclusiva. 2020. 49 f. Monografia apresentada ao Curso

SAMPAIO, R.F.; MANCINI, M.C. Estudos De Revisão Sistemática: Um Guia Para Síntese

Criteriosa Da Evidência Científica. **Rev. bras. fisioter.**, São Carlos, v. 11, n.1, p. 83-89,

jan./fev. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbfi/v11n1/12.pdf>. Acesso em:

28/09/2022.

SANCHES, T. T. B.; TAVEIRA, L. S. Autismo: uma revisão bibliográfica. **Modalidades de ensino: educação especial e inclusiva**, v. 9, n. 18, p.1-9, jul, 2020. Disponível em:

<https://cadernosuninter.com/index.php/intersaberes/article/view/1356>. Acesso em:

09/04/2023.

SILVA, J. R. A. **Habilidades sociais de crianças com o transtorno do espectro do autismo (tea) que frequentam o atendimento educacional especializado (AEE)**. 2018. 132 f.

Dissertação em Educação da Universidade Federal do Amazonas. Mestre em Educação. 2018.

Disponível em: <file:///C:/Users/kos73/Downloads/SILVA,%20%202018.pdf>. Acesso em:

20/05/2023.

SOUSA, A. S.; OLIVEIRA, G. S.; ALVES, L. H. A Pesquisa Bibliográfica: Princípios E Fundamentos. **Cadernos da Fucamp**, v. 20, n.43, p.64-83, 2021. Disponível em:

<https://revistas.fucamp.edu.br/index.php/cadernos/article/view/2336>. Acesso em: 25/09/2022.